

**A IMAGEM DE SIMÓN BOLÍVAR NA CONSTRUÇÃO DO
ESTADO NACIONAL VENEZUELANO E NA INTEGRAÇÃO
LATINO-AMERICANA**

**Deise Mary
Márcia Freitas**

RESUMO

Este artigo propõe analisar como o presidente Hugo Chávez resgata a figura de Simón Bolívar na construção da República Bolivariana da Venezuela, revivendo o caráter histórico de Simón Bolívar na defesa da união e fortalecimento dos Estados da América Latina. As propostas de Hugo Chávez concentram-se em ações sociais e populares que estão voltadas para a contestação de um modelo de hegemonia Norte-americano, bem como na busca da soberania nacional e da integração com os vizinhos da América do Sul, tanto no âmbito político quanto econômico.

Palavras-chave: Hugo Chávez, Simón Bolívar, Estado Nacional, América Latina.

INTRODUÇÃO

A Revolução Bolivariana na Venezuela, iniciada a partir da vitória eleitoral de Hugo Chávez em dezembro de 1998, apresenta inúmeros aspectos distintos. Dentre estes aspectos pode-se notar a construção de um modelo contra-hegemonico, que aponta para mudanças estruturais neste país e inclusive contra a própria lógica do capitalismo, deflagrando assim a formação de uma alternativa ao neoliberalismo. Sua meta não é o conhecido socialismo marxista-leninista, mas a concentração em ações sociais e populares que estão voltadas para o fortalecimento da soberania nacional e a integração latino-americana. O projeto de Chávez é mais político do que econômico, referente tanto a políticas concretas quanto a seu estilo e retórica. Seu programa ganha cada vez mais nitidez com o crescente protagonismo

das massas populares e a ampliação da democracia que utiliza de mecanismos de participação direta.

A noção que o presidente Hugo Chávez traz de unir os países latino-americanos para enfrentar o poder imperial dos Estados Unidos não é original, pois a integração econômica sempre esteve em pauta no discurso oficial de quase todos os regimes, mas sem o enfoque político atual, no qual Hugo Chávez vem se esforçando para realizá-lo e espelhando-se principalmente na figura do libertador Simón Bolívar. Nesse sentido, Hugo Chávez traz a tona a figura de Simón Bolívar, não com o intuito de veneração ou simples elogio, como fizeram outros estadistas, mas revivendo o seu caráter histórico de defesa da união e fortalecimento dos Estados da América Latina, tanto no aspecto político quanto econômico com o fim de conquistar maior autonomia.

Portanto, quando Hugo Chávez retorna aos ideais de Simón Bolívar para construir um novo quadro na América Latina, o presidente não utiliza somente do recurso de cultuar a figura de Simón Bolívar como herói, pois já é uma tradição na Venezuela devido possuir raízes históricas profundamente arraigadas na cultura local. Assim, “em 1872 o então presidente General Guzmán Blanco, decretou que todas as praças e ruas do período hispânico fossem rebatizadas com o nome de Simón Bolívar. O decreto ficou ultrapassado, mas o hábito sobreviveu”.¹ Isto demonstra a frequência de inúmeras praças, avenidas, centros comerciais, enfim vários monumentos dedicados à memória do libertador, inclusive o nome da moeda nacional é Bolívar, dentre outras referências. Mas Hugo Chávez não resgata o libertador somente nesse aspecto e sim o faz principalmente no que concerne à idéia de libertação da América Latina das amarras da globalização e do cenário de submissão, substancialmente no que diz respeito ao imperialismo norte-americano.

Dessa forma, pretendemos com este trabalho analisar como o presidente Hugo Chávez resgata a figura de Simón Bolívar na construção da República Bolivariana da Venezuela e na integração Latino-americana. Para tanto utilizaremos de diversas fontes como entrevistas e reportagens em revistas, além de livros que tratam da atuação de Hugo Chávez e de Simón Bolívar no cenário da América Latina.

De acordo com Richard Gott observamos que:

o exemplo de Bolívar foi particularmente útil para Chávez em sua avaliação do papel que a Venezuela poderia desempenhar nos assuntos do resto do continente. O seu propósito é reacender o sonho bolivariano, buscando a unificação política da América latina em novas bases: a integração interna de cada país.²

TRAJETÓRIA POLÍTICA DE HUGO CHÁVEZ

Para compreender um pouco da trajetória política de Hugo Chávez e as suas propostas de governo é necessário observar a histórica de desigualdade social na Venezuela que apresenta uma oligarquia detentora de um padrão de vida muito alto, enquanto a maior parte da população está vivendo na pobreza.

Em fevereiro de 1989, o presidente Carlos Andrés Pérez adotou um pacote de ajuste neoliberal que provocou uma enorme explosão popular. A crise econômica despontou uma crise política, a corrupção imperava, não se acreditava nos políticos e na política. Houve conflitos e repressão violenta por parte do governo que utilizou as forças armadas contra as ações da população.

Na tentativa de dar respostas aos conflitos econômicos, sociais e políticos em que se encontrava a Venezuela, Hugo Chávez encabeçou uma tentativa de golpe militar em fevereiro de 1992, não teve êxito e foi preso, porém conseguiu ganhar prestígio entre os setores operários e populares, visto que, sua figura apareceu como oposição ao “sistema” que não mais correspondia aos anseios da grande parte da população.

Em 1993, Carlos Andrés Pérez foi derrubado por mobilizações populares e acusações de corrupção. Depois de sua renúncia, as eleições foram ganhas por Rafael Caldera. Em 1994, por exigência popular Caldera libertou Chávez que foi eleito em 1998 e rebatizou o país na nova Constituição como República Bolivariana da Venezuela tendo entre os seus objetivos de governo a defesa da soberania nacional e da integração regional, ampliação da democracia e priorização dos interesses dos trabalhadores e dos setores excluídos.

Em abril de 2002 ocorreu uma revolução e uma contra-revolução no governo de Chávez, de um lado as forças do imperialismo que desejavam implantar um projeto

neoliberal na Venezuela e do outro a disposição revolucionária das massas. Foi realizado um golpe em que alguns militares prenderem o presidente, anunciaram a sua renúncia e chamaram Pedro Carmona para ocupar o seu cargo. No entanto, não demorou muito para tal governo baseado em um golpe ser destituído. Os militares que não aderiram ao golpe e alguns segmentos da sociedade articularam-se e exigiram a volta do presidente ao poder para recompor o Estado.

Em Caracas, milhares de pessoas tomaram as ruas, descendo novamente dos morros até os quartéis para pedir armas. Nas ruas montaram barricadas para enfrentar a polícia metropolitana. Houve tiroteios, panelaços, pedradas e disparos que vinham dos morros. Fecharam as avenidas com barricadas de madeira e pneus em chamas. Cercaram as redes de televisão e exigiram que se pusesse a verdade no ar.³

O golpe fracassou e Hugo Chávez foi restituído ao governo. No entanto, as tentativas para retirar o presidente do poder não cessaram e houve a organização de uma outra ofensiva. Um novo ataque que agora tinha como objetivo restringir a produção e a distribuição do petróleo e assim enfraquecer setores da economia e desestabilizar o governo, porém mais uma vez a tentativa de sabotar o governo de Hugo Chávez não deu resultados devido a ações ligadas a resistência de parcela da população que se organizou para manter em circulação gás, gasolina, e outros produtos de subsistência que tiveram sua comercialização comprometida. Houve acordos para cessar a situação e a partir de então, Hugo Chávez tomou medidas para garantir o controle sobre a indústria petrolífera.

A terceira tentativa dos setores mais direitistas da burguesia nacional para tirar Chávez do poder foi o plebiscito revocatório de 2004 que tinha o intuito de realizar uma abordagem a respeito da continuação ou não do presidente no governo. Mesmo com o recolhimento de assinaturas de forma fraudulenta para solicitação do referendo, o presidente Hugo Chavez aceitou realizá-lo, mesmo sendo constatado as fraudes no seu processo de solicitação e conquistou a vitória mantendo-se no governo. O seu programa manteve-se em curso, assim como as ações para integrar a América Latina. Nesse contexto “o governo se fortaleceu, tanto nacional quanto internacionalmente. Ninguém mais pode negar o caráter democrático do processo bolivariano e o grande apoio popular a Chávez”.⁴

SIMÓN BOLÍVAR E HUGO CHÁVEZ NA INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Para entender o que acontece na pátria de Simón Bolívar é preciso mergulhar pelo menos em um pouco da história desse líder tão presente nos discursos de Hugo Chávez. Simón Bolívar(1783-1830) é conhecido como “ El libertador” por ser o principal agente da guerra de independência da Venezuela contra a monarquia espanhola, além de participar da libertação da Colômbia, do Equador, Peru e do alto Peru (Bolívia). Ele defendeu a idéia da república da Grande Colômbia, sendo esta pensada como uma federação que incluía todas as províncias espanholas da Venezuela, Nova Granada (Colômbia) e Quito (Equador), assegurando a união política da América Latina como garantia de desenvolvimento para os países latino-americanos conseguirem impor-se perante o poder da Europa e dos Estados Unidos.

No entanto, o seu projeto de uma Grande Colômbia desintegrou-se por razões que vão desde a extensão territorial até a insolubilidade dos problemas políticos. “Houve discórdia no Peru, seguida de uma guerra entre a Colômbia e a Venezuela. Seus dois generais, Páez e Santander, brigaram e o ambicioso projeto de uma Grande Colômbia evaporou-se em 1828.”⁵ Diante desse quadro de instabilidade e da tentativa fracassada de união da América Latina, Bolívar considerou a América Latina ingovernável como um todo unificado.

Bolívar tentou pela última vez assegurar a união política da América Latina em um congresso de países de língua espanhola, realizado no Panamá em 1826... A união política entrou na agenda, e os Estados presentes acertaram um plano para a força conjunta de mar e terra, mas todos os esquemas permaneceram em embrião. Tudo o que restou do Congresso do Panamá foi a visão do que deveria ser um dia.⁶

Hugo Chávez não compartilha dessa última idéia de Simón Bolívar, pois acredita na possibilidade de uma América Latina unida e está seguro que é possível colocar esta idéia em marcha. Assim, busca envolver na Venezuela as forças armadas em projetos de desenvolvimento, como na prestação de serviços sociais, na busca de soluções de

problemas comunitários e na auto suficiência econômica apresentando uma nova organização social e política para os outros países vizinhos, sendo a Venezuela um “acelerador” no processo de integração da América Latina.

Dentre as prerrogativas do presidente Hugo Chávez estão o apoio a iniciativas como o MERCOSUL, pois o considera como um passo na direção da união da América do Sul e um passo na direção da formação do que Bolívar chamava de um grande corpo político, para ter um equilíbrio com o norte, pois acredita ser necessário haver dois pólos de força neste continente: norte e sul. Sugere a possibilidade de criação de uma moeda latino-americana, bem como uma organização militar da América do Sul. Ainda nesta perspectiva, Hugo Chávez promove ações em conjunto com outros Estados Latino-americanos com o intuito de realizar integrações e fortalecer os Estados.

Nesse contexto, as medidas tomadas por Chávez vem propondo projetos estruturantes de integração como a implantação da Telesul e de empresas como a Petrosul, que tem como objetivo realizar uma aliança energética e petroleira, com o grande gasoduto do sul. Ainda há propostas de outros projetos complementares de desenvolvimento nas áreas petroquímica e agroalimentares, projetos de habitação e projetos sociais. Além destas medidas, o presidente Hugo Chávez lançou por toda América Latina uma ofensiva diplomática, no sentido de intervenção para integração. Países como Cuba em que Chávez consolidou convênios de troca de barris de petróleo pela presença de médicos cubanos na Venezuela. Na República Dominicana firmou acordo para construir um aeroporto internacional, na área caribenha criou a Petrocaribe para ministrar barris de petróleo a vários países. Para o Brasil planeja construir a refinaria de Pernambuco com a Petrobras, além de construir um gasoduto entre os dois países. Quanto a Argentina também planeja a construção de um gasoduto e firmou um convênio de cooperação da indústria de navios. Sua ofensiva diplomática corre em paralelo com a sua influência em movimentos sociais e políticos do continente.

Chávez há logrado llevar fuera de sus fronteras sus ideas de un modelo alternativo de desarrollo basado en cooperativas, la distribución de tierras, un capitalismo con rostro humano en un marco normativo propio, un proyecto político original, no copiado de

Europa. Chávez buscaba posicionarse como um líder del multipolarismo y del antineoliberalismo en el mundo, y lo ha conseguido.⁷

CONCLUSÃO

Sua proposta de governo tem desencadeado, desde o princípio, o descontentamento por parte da elite branca do país, de generais do exército e de homens de negócios conservadores, mas por outro lado Hugo Chávez tem o apoio da população, que vê a partir de programas sociais, conhecidos como missões, que alguém se preocupa com as suas necessidades referentes a habitação, escolas, hospitais, dentre outras. Percebe-se assim, que através destas medidas sociais o triunfo de Chávez foi possível sobre a oposição interna e externa. Dessa forma vem se mantendo no poder com o apoio do povo, que encontra uma identificação com Hugo Chávez a partir de suas reivindicações que estão sendo supridas agora melhor que antes, bem como uma identificação nacional que vai de encontro com a imagem de Simón Bolívar, utilizada pelo governo como exemplo em seus programas sociais, econômicos e políticos.

Devemos considerar Chávez não como um ditador, mas um presidente eleito que vem implantando uma política diferenciada de seus antecessores, pois busca o apoio e a participação de setores antes excluídos da política e da sociedade para ajudar na organização do seu governo. Inclusive, uma das suas medidas é o incentivo à população para a familiarização da Constituição implantada em seu governo no sentido de ressaltar seus direitos e deveres na sociedade. Além disso, busca uma ligação sólida com os vizinhos da América do Sul no que remete aos pensamentos de Simón Bolívar colocados nos seus discursos e ações.

Mesmo que Bolívar tenha morrido sem ter conseguido concretizar seu sonho, Hugo Chávez abre caminhos para que as sementes de mudança possam ser plantadas e colhidas pelas próximas gerações que agora podem ver a possibilidade da formação de uma outra América Latina. Segundo Chávez “estamos há 200 anos tentando mudar e recebendo agressões dos EUA. Agressão de diferentes maneiras, desde os tempos de Bolívar. Chamavam Bolívar de “o perigoso louco do sul”. Bolívar disse várias frases sobre os Estados Unidos, foi um dos precursores do antimperialismo na América Latina”. Certa vez

ele escreveu: “cuidado, porque a cabeça deste continente há uma nação muito grande, muito forte, muito hostil e capaz de tudo”.⁸

Por fim, Hugo Chávez considera que a Venezuela até pouco tempo antes do seu governo era uma “colônia” dos Estados Unidos, sobretudo pela exploração do petróleo e das reservas energéticas, mas em seu governo há uma luta para modificar este quadro e a independência vem sendo reconhecida através de confrontos, agressões e violências que no entanto estão fortalecendo o país e mostrando aos outros países da América Latina que uma nova ordem é possível.

Notas

¹ UCHOA, Pablo. *Venezuela: A encruzilhada de Hugo Chávez*. São Paulo: Globo, 2003, p. 103.

² GOTT, Richard. *À Sombra do Libertador: Hugo Chávez Frias e a transformação da Venezuela*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 137.

³ Quatro décadas de luta revolucionária in *Marxismo Vivo, revista de Teoria Política Internacional*, São Paulo, 2004, p.63.

⁴ HARNECKER, Marta. *Um Homem, Um Povo*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p.249.

⁵ GOTT, Richard. *À Sombra do Libertador: Hugo Chávez Frias e a transformação da Venezuela*. *op. cit.*, p. 147.

⁶ *Id. Ibidem.* p.147.

⁷ “El hombre del año” in *Semana*. Bogotá: dezembro-janeiro, 2005/2006, p.32.

⁸ “Nada muda sem Choque” in *Carta Capital*, 1 de fevereiro de 2006, p.26-27.